

A CULTURA ESCOLAR E A PESQUISA EM HISTÓRIA DO CURRÍCULO

Idelsuite de Sousa Lima¹

Resumo: o conceito de cultura escolar vem sendo bastante utilizado pela pesquisa histórica, tendo possibilitado o alargamento das investigações referentes à história da educação. No campo do currículo a cultura escolar como objeto de investigação científica evidencia configurações da internalidade da escola no desenvolvimento do processo de escolarização. Este trabalho apresenta um estudo sobre culturas escolares reveladas na literatura e em uma pesquisa sobre práticas culturais incorporadas e manifestadas na instituição escolar. O artigo está organizado em duas partes. Na primeira, apresenta uma discussão acerca de definições da cultura escolar e da difusão de idéias de autores mais utilizadas pelo campo. Na segunda parte, sublinha indícios que conferem às fontes documentais o estatuto de reveladoras das culturas escolares e destaca aspectos identificados nos registros ordinários da escola.

Palavras-chave: culturas escolares, fontes documentais, práticas culturais.

SCHOOL CULTURE AND RESEARCH ON CURRICULUM HISTORY

ABSTRACT: The concept of school culture has been quite used in historical research, and it has enabled the expansion of investigations concerning history of education. In the area of curriculum, school culture as an object of scientific research highlights the organization of the inner structure of schools in the development of the schooling process. This paper presents a study about school cultures based on the literature on the theme and on a piece of research about cultural practices incorporated and expressed in a schooling institution. The article is organized in two parts. In the first part, we present a discussion about definitions of school culture and the ideas of authors which have been the most present in the field. In the second part, we underline aspects that make documental sources revealing of school cultures and we highlight data identified in the ordinary records at school.

KEYWORDS: school cultures, documentary sources, cultural practices.

INTRODUÇÃO

O conceito de cultura escolar tem sido reiteradamente utilizado pelos pesquisadores da história da educação, possibilitando uma abrangência do campo investigativo, alargando sobremaneira as possibilidades de análises sobre as instituições educativas. Este estudo coloca em foco a apreensão da cultura escolar como objeto de investigação para o campo do currículo. O uso

¹ Professora da Universidade Federal de Campina Grande.

recorrente do conceito de cultura escolar nas pesquisas históricas evidencia também a sua potencialidade para análise de processos de construção histórica do currículo escolar.

A investigação sobre cultura escolar busca compreender práticas e processos educativos que acontecem em um espaço específico de organização e distribuição do conhecimento e, por isso, relacionados a decisões e articulações impulsionadas pelas políticas e práticas curriculares.

A organização e o funcionamento da escola compõem uma multiplicidade de traços culturais, caracteres e valores que estão na base da cultura da instituição, representados, de acordo com Viñao Frago (2000), por inúmeros elementos constituidores das culturas escolares, tais como, o papel desempenhado pelos professores e alunos, os modos de comunicação, as formas de distribuição do espaço, as práticas cotidianas, os comportamentos dos sujeitos, as concepções e modos de organizar o ensino, bem como as definições e proposições que permeiam a escola.

O presente estudo contempla uma discussão acerca de definições da cultura escolar e da difusão de idéias de autores mais utilizadas pelo campo, e discorre sobre o intramuro de uma instituição escolar, no processo de produção de uma cultura entrelaçada no desenvolvimento curricular da escola.

Situando a cultura escolar

A cultura escolar como campo de investigação tem sido apropriada pela área da História da Educação em virtude da sua especificidade com a narrativa histórica e pelo exercício do levantamento documental que sua pertinente elaboração exige. Nesse sentido, o desvendamento de questões históricas acerca da constituição do conhecimento escolar também potencializa a sua especificidade como categoria de análise e campo de investigação nos estudos da história do currículo.

Os estudos que tomam como referência os pressupostos da cultura escolar inauguram uma riqueza de elaboração e potencialidade para a apreensão de questões da internalidade da escola. Tais estudos, ainda que recentes no Brasil, conferem ao campo um aprofundamento epistemológico, além de alternativas de reelaboração de definições (Nunes, 1992; Faria Filho, 2004) e análise da interpenetração de políticas e práticas curriculares (Souza, 2000; 2005; Lima, 2006).

A emergência teórica sobre a cultura escolar tem impulsionado estudos de historiadores da educação e de educadores preocupados com o cotidiano da escola numa perspectiva histórica. Em termos de publicação de referência, o artigo do francês Dominique Julia denominado 'A cultura escolar como objeto histórico', traduzido e publicado na *Revista Brasileira de História da Educação*, em 2001, tem recorrente citação na maioria dos estudos sobre cultura escolar. Tal artigo, publicado originalmente na *Revista Paedagógica Histórica*, em 1995, contrapõe-se à idéia da reprodutividade da escola, apontando possibilidades de estudos voltados para o interior das instituições de ensino, indicando elementos para desvendar a 'caixa-preta' da escola.

O texto de Julia (2001) além de indicar a possibilidade de ampliação das fontes, no sentido de recontextualizá-las, coloca em destaque a necessidade de não exagerar o silêncio existente nos arquivos escolares, de modo a entender o funcionamento interno da escola, seus hábitos, comportamentos, práticas e manifestações.

Ainda que o texto do autor citado referencie parte das publicações brasileiras, a discussão em torno da cultura escolar é antecipada por outros autores. Em artigo publicado na *Revista da USP*, em 1991, denominado 'Cultura escolar brasileira: um programa de pesquisa', José Mário Pires Azanha propunha a realização de uma análise das políticas públicas no desenvolvimento das práticas escolares, colocando em relevo a constituição histórico-social da escola na realização de sua função cultural.

Outros textos, como o de André Chervel denominado 'história das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa', publicado em 1990 na Revista *Teoria e Educação*, colocam em epígrafe a escola como produtora de cultura, no engendramento de suas atribuições. O texto de Jean Claude Forquin, resultante de sua tese de doutorado, em 1987, somente publicada no Brasil em 1993, sob o título *Escola e Cultura* constitui-se em um texto clássico para a discussão sobre a cultura escolar. Nesta obra e em artigo publicado na Revista *Teoria e Educação* em 1992, denominado 'Saberes escolares, imperativos didáticos e dinâmicas sociais', o autor caracteriza a cultura escolar como seletiva e utiliza-se da metáfora da bricolagem para afirmar que a escola não transmite *uma* cultura. Para Forquin (1993, p.15):

a escola transmite, no máximo, *algo* da cultura, elementos da cultura, entre os quais não há forçosamente homogeneidade que podem porvir de fontes diversas, ser de épocas diferentes, obedecer a princípios de produção e lógicas de desenvolvimento heterogêneas e não recorrer aos mesmos procedimentos de legitimação.

Seguindo a lógica de entendimento da escola como produtora de cultura, Antonio Viñao Frago em artigo publicado na Revista Brasileira de Educação, denominado 'Historia de la educación e historia cultural', em 1995, e no artigo intitulado 'Culturas escolares' defende essa categoria de análise para entender práticas instauradas no interior da escola. Para Viñao Frago (1995) os elementos constituidores da cultura escolar perpassam desde aspectos institucionais, organizativos, curriculares até distribuição dos espaços, discursos, comunicações, processos de formação, desempenho.

De forma mais elaborada, Viñao Frago e Escolano, em 1998, na obra 'Currículo, espaço e subjetividade', traduzida e publicada no Brasil pela editora DP&A, em 2001 destacam a não neutralidade dos espaços e tempos escolares e reforçam a idéia de que o espaço educa. Sublinham o espaço escolar como constituidor de corporeidades dos sujeitos escolares na materialidade da aprendizagem espacial e motora.

A partir da influência dos autores citados ou não, despontam, no Brasil, inúmeras pesquisas centradas na análise da cultura escolar. Em 2000, o Cadernos Cedes dedicou uma de suas edições a uma coletânea de artigos de vários pesquisadores sob o título 'Cultura escolar: história, práticas e representações' e em 2005 a Revista Pro-posições edita um dossiê dedicado à questão. A temática cultura escolar também foi objeto de discussão do II Congresso Brasileiro de História da Educação, cujos textos compuseram a obra 'Escola, culturas e saberes', publicada em 2005, pela editora da Fundação Getúlio Vargas. Em 2003, foi realizado na UNESP de Araraquara o I Seminário sobre cultura escolar, cujos textos organizados por Rosa Fátima de Sousa e Vera Tereza Valdamarin compuseram a obra 'A cultura escolar em debate', publicada pela editora Autores Associados, em 2005. Inúmeros textos sobre cultura escolar têm sido

publicados mais recentemente, em livros e períodos de destaque, o que demonstra a sua fertilidade, seja como categoria de análise, seja como campo de investigação.

A cultura escolar tem sido apresentada sob diversas perspectivas e várias são acepções a respeito da sua abordagem, cujo inventário realizado por Viñao Frago (2000) acentua as marcas de um campo de estudos em formação.

Forquin (1993) ao apresentar uma distinção tênue entre cultura da escola e cultura escolar, entende a primeira na correlação com a cultura de outros espaços, com características de vida próprias, seus ritmos e seus ritos, sua linguagem, seus modos próprios de gestão. Para o referido autor a cultura escolar define-se como “o conjunto de conteúdos cognitivos e simbólicos que, selecionados, organizados, ‘normalizados’, ‘rotinizados’, sob o efeitos dos imperativos da didatização, constituem habitualmente o objeto de uma transmissão deliberada no contexto das escolas (FORQUIN, 1993, p.167).

Numa interpretação mais aprimorada o próprio Forquin (1992, p.35), em texto escrito posteriormente, reconhece que é preciso ir mais longe e adverte para a necessidade de a escola ser pensada “como produtora ou criadora de configurações cognitivas e de habitus originais que constituem de qualquer forma o elemento nuclear de uma cultura sui generis’.

A conceituação apresentada por Julia (2001, p. 10) define a cultura escolar como sendo:

o conjunto de normas de definem os conhecimentos a ensinar e as condutas a inculcar e, um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas, as finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização. Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional, os agentes que são obrigados a obedecer a essas normas e, portanto, a pôr em obra os dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar a sua aplicação, a saber, os professores.

Essa formulação voltada para o processo de transmissão cultural coloca o estudo da cultura escolar como sendo um desafio no sentido de examinar processos de produção, circulação e apropriação de conteúdos culturais. Constitui-se em um campo instável que se altera conforme a instituição que o respalda ao conferir-lhe base e sustentação (LIMA, 2006).

Numa visão mais ampla acerca da conceituação da cultura escolar, Viñao Frago (2000, p.03) a define como sendo:

un conjunto de teorías, ideas, principios, normas, pautas, rituales, inercias, hábitos y prácticas – formas de hacer y pensar, mentalidades y comportamientos – sedimentadas a lo largo del tiempo en forma de tradiciones, regularidades y reglas de juego no puestas en entredicho y compartidas por sus actores en el seno de las instituciones educativas.

Destacam-se, desse modo, as características eminentemente escolares, colocando, em relevo, significados, modos de ser e de exercitar práticas cotidianamente, num movimento que comporta aspectos institucionalizados, hábitos cotidianos do fazer escolar, práticas de funcionamento do processo de distribuição do conhecimento. Constitui-se, em um novo olhar, em uma reconfiguração de um campo de estudo que privilegia, para a análise, aspectos internos da escola.

As relações entre educação, cultura e poder expressam-se na cultura escolar, no entrecruzamento de diversos campos de investigação temática, como a história da leitura, a história das disciplinas escolares, a história do currículo, da profissionalização docente, entre outros (SOUZA, 2000). O estudo do espaço escolar, da arquitetura, do calendário e horários escolares, da organização didático-pedagógica, das práticas de ritualização, das festas cívicas, das exposições escolares, entre tantas outras, constituem elementos da cultura escolar a serem investigados sob o ponto de vista histórico.

Fontes para estudo das culturas escolares

Tomar a cultura escolar como objeto histórico implica em enfrentar o desafio de lidar com as fontes, dada a escassez das mesmas no interior das instituições. De acordo com Julia (2001, p.15) “a história das práticas culturais é, com efeito, a mais difícil de se reconstruir, porque ela não deixa traço, [mas] o historiador sabe fazer flechas com qualquer madeira”. Para o referido autor é imprescindível a procura às fontes e a necessidade de captar, no interior dos arquivos escolares, a história da sua existência.

Indubitavelmente, as fontes existentes na escola são raras e de difícil acesso. Paralelo à intenção de guardar ‘coisas velhas’ convive o advento simultâneo de novos documentos que, somado à limitação do espaço físico dos arquivos e da seleção do que deve ser arquivado resulta na limitada expressão do que fora a escola em épocas passadas.

Ademais, a noção de registrar idéias, princípios, rituais, hábitos e práticas, passa subliminarmente pelas ações dos educadores. Essa omissão gera um quase anonimato das práticas, sem exaltação ao desenvolvimento do processo de escolarização e à própria história da escola.

Com efeito, registrar seu cotidiano não tem sido uma opção da Escola. Manter sob sua guarda outros documentos além dos oficiais constitui uma dificuldade para a instituição. Porém, algumas escolas fogem a essa regra e permitem a existência de um arquivo alternativo, sem uma codificação específica ou um tratamento mais adequado, onde mantém recolhidos determinados objetos, como exemplares pontuais de uma vivência. Assim, gravitam nos guardados de algumas escolas fotografias, cartas, anotações, álbuns, programação de atividades que, quase por um acaso, não foram considerados para o descarte.

Na pesquisa que realizei sobre a história do currículo, no sentido de compreender as políticas e práticas curriculares, a organização do arquivo da escola apresentava algumas particularidades. Em meio a outros guardados, a existência de cadernos, planos, bloco de anotações, agenda da coordenação, fragmentos de cartazes, pautas de reuniões e recortes do quadro de avisos.

Espalhados em vários espaços, colocados em pastas avulsas ou em gavetas diversas, tais papéis, ainda que sem uma delimitação temporal, ali estavam, meio escamoteados pelo tempo, sem uma clara intenção de serem arquivados. O fato de permanecerem nos armários da escola

abre prerrogativas para se interrogar os motivos pelos quais aqueles documentos não foram descartados e sobre os princípios que permearam a guarda daquele material.

O fazer da escola, sua forma de organização, regras e rituais considerados válidos faziam-se representar nos traços daqueles registros escritos, contando uma história do viver da instituição. Através de tais fragmentos a revelação das ações tomadas para o ensino, as formas de preparação das festividades, as normas e códigos estabelecidos, as invenções do cotidiano, para usar uma expressão cara a Certeau (1994). De acordo com este autor a inventividade das pessoas, as 'artes de fazer' constituem suas práticas.

Tais práticas congregam jeitos de ser e viver, os indícios sobre a sistemática do exercício profissional, a dinâmica do trabalho pedagógico, as convenções e liturgias incorporadas, os acordos e convencimentos estabelecidos para organizar o ensino, para apresentar-se à comunidade, para cumprir rituais. Nas palavras de Certeau (1994) são os 'usos e táticas de praticantes' que criam maneiras de fazer.

No registro de reunião anotado na agenda coordenadora a discussão sobre a relocação da sala dos professores e do ambiente de recepção dos alunos, confirma a assertiva de Dayrell (2001, p.147) de que:

a arquitetura e a ocupação do espaço físico não são neutras. Desde a forma de construção até a localização dos espaços, tudo é delimitado formalmente, segundo princípios racionais, que expressam uma expectativa de comportamento dos seus usuários. Nesse sentido a arquitetura escolar interfere na forma da circulação das pessoas, na definição das funções para cada local.

Para o referido autor o espaço arquitetônico da escola expressa determinada concepção educativa. Concepção expressada na discussão sobre a organização dos ambientes, na localização dos recintos propriamente ditos e na projeção das ações sociais a serem efetivadas em tais espaços. De acordo com Viñao Frago; Escolano (2001, p. 64):

o espaço jamais é neutro: em vez disso, ele carrega em sua configuração como território e lugar, signos, símbolos e vestígios da condição e das relações sociais de e entre aqueles que o habitam. O espaço comunica; mostra a quem sabe ler, o emprego que o ser humano faz dele mesmo.

O espaço de convivência é entremeado pela organização político-pedagógica da escola. As deliberações em torno da reforma curricular, as reuniões de estudo, as ações de seleção de conteúdos para as festas escolares registradas no caderno da coordenadora indicam a potencialidade desse material para entender as políticas e práticas curriculares. Para Viñao Frago; Escolano (2001, p.27):

os espaços educativos como lugares que abrigam a liturgia acadêmica estão dotados de significados e transmitem uma importante quantidade de estímulos, conteúdos e valores do chamado currículo oculto, ao mesmo tempo em que impõem suas leis como organizações disciplinares.

Os significados das 'artes de fazer' refletem o projeto cultural da escola, o desenvolvimento do currículo. De acordo com Souza (2005, p.77): "a investigação histórica da cultura escolar não pode passar ao largo do currículo", uma vez que através deste se configuram as práticas e as políticas curriculares.

Na singeleza dos documentos a expressão de intensas e diversificadas ações do passado da escola localizadas nos arquivos escolares. Livros de atas, diários de classe, livros didáticos, planos anuais, instruções normativas, propostas de trabalho, programa das disciplinas, fotografias, imagens constituem fontes para a história do currículo.

Porém, a investida por esse itinerário demanda ética, arte e percurso teórico-metodológico. Para analisar os registros do passado da escola é necessário entendê-los, segundo Le Goff (1994), como monumentos, como vestígios, perpetuação do passado e instrumentos de democratização da memória coletiva. Com efeito, os arquivos escolares contêm rastros, indícios, fragmentos das práticas da instituição, como características da sua cultura escolar.

REFERÊNCIAS

AZANHA, José Mário Pires.(1991). Cultura escolar brasileira: um programa de pesquisas. In: *Revista da USP*. São Paulo, nº 08, p.65-69.

CERTEAU, Michel de. (1995). *A cultura no plural*. Campinas: Papirus.

_____. (2000). *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Petrópolis: Vozes.

CHERVEL, André. (1990). História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. In: *Teoria e Educação*, nº 02.

DAYRELL, Juarez. (1996). A escola como espaço sócio-cultural. In: *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: UFMG.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. (2004). A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. In: *Educação e Pesquisa*. v. 30, n. 01. São Paulo, jan/abr.

FORQUIN, Jean Claude. (1993). *Escola e cultura – as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Porto Alegre: Artmed.

_____. (1992). Saberes escolares, imperativos didáticos e dinâmicas sociais. In: *Teoria e Educação* nº 5. Porto Alegre.

GEERTZ, Clifford. (1989). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan.

GOODSON, Ivor. (1997). *A construção social do currículo*. Lisboa: Educa.

GONÇALVES, Irlen Antonio.(2006). *Cultura escolar: práticas e produção dos grupos escolares em Minas Gerais (1891-1918)*. Belo Horizonte: Autêntica.

HÉBRARD, Jean. (2001). Por uma bibliografia material das escritas ordinárias – o espaço gráfico do caderno escolar (França – séc. XIX e XX). Trad. L. Hansen. In: *Revista Brasileira de História da Educação*. Nº 01. jan/jun. Autores Associados.

JULIA, Dominique. (2001). A cultura escolar como objeto histórico. In: *Revista Brasileira de História da Educação*. Campinas. nº 01, p. 09-44.

_____. (2002). Disciplinas escolares: objetivos, ensino e apropriação. In: LOPES, Alice Casemiro; MACEDO. Elisabete. (Org.). *Disciplinas e integração curricular: história e políticas*. Rio de Janeiro: DP & A.

LE GOFF, J. (1994). *Memória e história*. Campinas: UNICAMP.

LIMA, I. S. (2006). O currículo no plural: políticas, práticas, culturas escolares. Campinas: UNICAMP. (Tese de doutorado).

_____. (2007). Leituras do mural: espaço de materialização das culturas escolares. In anais do 16º Congresso de leitura do Brasil. Acessado em: www.alb.com.br/pag_cole.asp.

LOPES, A. C. (2003). Interpretando e produzindo políticas curriculares para o ensino médio. Acessado no endereço: <http://www.tvebrasil.com.br/salto>

_____. (2004) Políticas curriculares: continuidade ou mudança de rumos? In: *Revista Brasileira de Educação*. nº 26. mai/ago.

PESSANHA, E. C. et al. (2003). Da história das disciplinas escolares à história da cultura escolar: uma trajetória de pesquisa sobre a história do currículo. In: 26ª Reunião Anual da ANPED – GT 12. Acessado no site: www.anped.org.br

SOUZA, Rosa Fátima de. (2000). Um itinerário de pesquisa sobre a cultura escolar. In: CUNHA, M. V. da (org.). *Ideário e imagens da educação escolar*. Campinas: Autores Associados.

_____. (2005). Cultura escolar e currículo: aproximações e inflexões nas pesquisas históricas sobre conhecimentos e práticas escolares. In: XAVIER, L. N. et al (orgs.) *Escola, Cultura e Saberes*. Rio de Janeiro: FGV.

_____; VALDEMARIN, V. T. (org.). (2005). A cultura escolar em debate: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa. Campinas: Autores Associados.

VIÑAO FRAGO, A. (1995). Historia de la educación e historia cultural – posibilidades, problemas, cuestiones. In: *Revista Brasileira de Educação* nº 0. set/dez. ANPED.

_____. (2000). Culturas escolares. mm.

_____; ESCOLANO, A. (2001). *Currículo, espaço e subjetividade – a arquitetura como programa*. Trad. Alfredo Veiga-Neto. Rio de Janeiro: DP&A.